

Análise Semiótica Da Capa Do Livro “O Labirinto Do Fauno”, A Partir Da Teoria Peirciana¹

Débora Quéren Santos de GODOI²
Níncia Cecília Ribas Borges TEIXEIRA³
Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná

RESUMO

O presente artigo busca analisar a semiótica presente na capa do livro “O labirinto do Fauno”, de Guillermo del Toro e Cornelia Funke, relacionando os principais elementos visuais ao contexto histórico e narrativo da história. A capa do livro é farta de ícones que se relacionam direta e indiretamente com a história e podem colaborar para a assimilação das mensagens e críticas oferecidas pelos autores. Para guiar as análises, foi utilizada a teoria de Charles Sanders Peirce, elucidada por Lúcia Santaella e os conceitos de primeiridade, secundidade e terceiridade. A metodologia utilizada é de abordagem qualitativa e caráter exploratório.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica; O Labirinto do Fauno; linguagem; capa de livro; fantasia.

INTRODUÇÃO

Na literatura de fantasia, a capa é uma das partes mais importantes, pois a visualidade dos elementos ajuda o leitor a entender o mundo em que a história se passa. Dessa forma, é essencial que sua produção seja pensada com cuidado, visando transmitir as mensagens corretas.

Uma ferramenta útil nesse processo é a análise semiótica, que permite a interpretação dos signos da comunicação humana. É possível aplicá-la a uma ampla variedade de áreas, como a publicidade, a literatura e o cinema.

Este artigo visa analisar semioticamente a capa do livro “O Labirinto do Fauno”, obra lançada em 2019 e adaptada do filme homônimo, de 2006, vencedor do Oscar e dirigido por Guillermo del Toro.

¹ Trabalho apresentado na IJ08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de junho de 2023.

² Acadêmica do curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro).

³ Professora do Departamento de Letras. Pós-doutora em Ciência da Literatura, Doutora em Letras.

CONTEXTUALIZAÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

O livro “O Labirinto do Fauno” conta a história de Ofélia, uma menina de 13 anos que vive na Espanha em 1944, durante a Guerra Civil Espanhola e se muda com sua mãe, Carmen, para uma casa no campo onde Vidal, seu padrasto e capitão do exército espanhol, realiza um trabalho de repressão contra rebeldes locais. Durante explorações nos arredores da casa, Ofélia encontra um labirinto no qual reside um fauno que afirma que ela é, na verdade, uma princesa do mundo subterrâneo e, para provar sua identidade, lhe delega três tarefas.

A autora, Cornelia Funke, descreve a história como “a prova viva de que a fantasia pode ser poética e política, uma ferramenta perfeita para captar o realismo mágico da nossa existência.” (FUNKE, 2019, p. 313) Considerando que um livro possui menos recursos visuais do que um filme, são necessárias alternativas adequadas para transmitir essa essência e atrair os leitores. A capa desempenha esse papel, pois é a causadora da primeira impressão e transmite uma noção prévia da obra. Para Alves (2018, p. 8), ela “passa a servir como veículo de comunicação entre o conteúdo do livro e o seu leitor.” Dessa forma, é necessário que seu design seja cuidadosamente pensado, para que elementos essenciais não sejam deixados de fora e a estética seja atrativa, já que a capa é “a única parte do livro que pode ser [inteiramente] vista no mesmo instante.” (HOWARD apud. ALVES, 2018, p. 36).

Admite-se que, na visualização de uma imagem, assim como em qualquer experiência, tudo que se manifesta à consciência o faz por meio de três etapas, denominadas por Charles Peirce e explicadas por Lúcia Santaella (1983) como categorias. Elas são “três modalidades possíveis de apreensão de todo e qualquer fenômeno.” (SANTAELLA, 1983, p. 42) Este, por sua vez, “é tudo aquilo que aparece à mente, corresponda a algo real ou não.” (SANTAELLA, 1983, p. 33) Dito isso, surge a Semiótica, ciência que entende qualquer tipo de comunicação, seja verbal ou não-verbal, e analisa os signos. A autora defende que “qualquer coisa que esteja presente à mente tem a natureza de um signo.” (SANTAELLA, 2008, p. 10) Pode-se dizer, portanto, que a Semiótica é a ciência que estuda os fenômenos na condição de signos e as etapas pelas quais eles se manifestam à consciência. Essas etapas, ou

categorias, ilustram a produção de sentido na mente do observador em três momentos, denominados Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. (SANTAELLA, 1983)

OBJETO DE ESTUDO

Figura 1 - Capa do livro “O Labirinto do Fauno”



Fonte: Amazon

ANÁLISE

Nessa análise foi utilizada a semiótica de Peirce, juntamente com significados encontrados no livro “Dicionário de Símbolos”, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant e no dicionário online "Dicionário de símbolos: significados dos símbolos e simbologias", para levantar as possibilidades de interpretação, considerando os contextos histórico e cultural envolvidos com a história. Ou seja, utilizou-se significados coerentes para a realidade política e cultural da Espanha do século XX, local e época em que se passa a história, e do Brasil do século XXI, correspondente à elaboração da capa.

A Primeiridade é a categoria “que dá à experiência sua qualidade distintiva, seu frescor, originalidade irrepitível e liberdade.” (SANTAELLA, 1983, p. 50) Aqui, não há análise, apenas um sentimento impossível de ser dividido. Nessa capa, ela é constituída pelas cores verde, preto e branco, imagens de pessoas, silhuetas de criaturas, formas geométricas, troncos, galhos de árvore e palavras. Esses elementos, nesse primeiro e breve momento, são percebidos, mas não processados.

Então, ocorre a secundidade, definida como “um mundo real, reativo, um mundo sensual, independente do pensamento e, no entanto, pensável.” (SANTAELLA, 1983, p. 47) Ela é concreta, é a reação ao sentimento. Ela não se prende às interpretações, mas as informações começam a ser processadas e associadas a conhecimentos prévios. Os desenhos passam a ser identificados: no centro inferior, há uma menina branca, com cabelos curtos, usando um vestido verde escuro. Ela está de costas e segura um bebê, do qual apenas rosto e pés são visíveis. As silhuetas na lateral esquerda da capa são de um homem segurando uma arma de fogo e de uma mulher de perfil, usando os cabelos presos num coque e vestido, que encontram-se respectivamente na base e nos galhos superiores de uma árvore. Na lateral direita há as silhuetas de duas criaturas, que podem ser elfos ou fadas. Os troncos das árvores não possuem folhas e são lar de outros seres não identificados, cujos apenas os olhos são visíveis em alguns buracos. Os galhos que se ramificam criam um arco ao se encontrarem no topo. No centro deles, há uma cabeça monstruosa, de olhos esbugalhados e boca aberta. Outras três silhuetas de fadas estampam a capa, na cor branca. Elas se situam ao redor do título do livro, escrito em preto. Mais acima, em cor branca e com fonte mais fina e simples, estão os nomes dos autores. As figuras geométricas são dois semi-círculos. Um deles, sob os pés da menina, de cor cinza com linhas pretas, é o labirinto. O outro, mais ao fundo, branco com manchas pretas, se assemelha a uma lua cheia.

A Terceiridade, por fim, “corresponde à camada de inteligibilidade, ou pensamento em signos, através da qual representamos e interpretamos o mundo.” (SANTAELLA, 1983, p. 51) É nesse momento que ocorre o entendimento do fenômeno, a atribuição de significados e a relação com experiências passadas.

A cor verde, predominante na capa, ocupa o plano de fundo, com uma textura que indica uma floresta. Também está nos troncos de árvores e no vestido da menina, num tom mais escuro. Por ser "uma cor tranquilizadora, refrescante, humana" (CHEVALIER E GHEERBRANT, 1969, p. 939), sugere que a floresta é um ambiente tranquilo, de humanidade, onde a vida, simbolizada pelas árvores, se reafirma.

Ainda no que tange o papel das cores, há o forte contraste entre o branco e o preto, que dialogam entre si e com outros elementos. O primeiro está ligado ao ciclo do término de algo e subsequente início do novo, por representar, ao mesmo tempo, a ausência e a soma das cores. O último, por sua vez, é mais associado ao luto negativo,

sem esperança, à perda definitiva. (CHEVALIER E GHEERBRANT, 1969) O significado dessas cores dialoga com a Lua, no centro da imagem, que representa um ciclo de fins e recomeços, evidenciados por suas fases. Esses elementos, reforçados pela menina e pelo bebê, mostram que a vida e a morte são coexistentes e cíclicas, pois a imagem da criança “pode indicar uma vitória sobre a complexidade e a ansiedade, e a conquista da paz interior e da autoconfiança.” (CHEVALIER E GHEERBRANT, 1969, p. 302) Na história, tal conquista acontece no interior do labirinto, tido como o local que “conduz o homem ao interior de si mesmo, a uma espécie de santuário interior e escondido, no qual reside o mais misterioso da pessoa humana.” (CHEVALIER E GHEERBRANT, 1969, p. 531) Ofélia é guiada pela orientação e proteção do fauno, que, é considerado o “deus das florestas e pastores” e possuidor do “dom da profecia.” (FAUNO, 2023), na busca por encontrar sua verdadeira identidade e retornar ao seu reino. Ele aparece na mesma altura da silhueta feminina, que, em relação à história, pode ser a mãe da protagonista, ou Mercedes, outra personagem que desempenha papel materno. Assim, entende-se essas figuras como guardiãs e guias da protagonista, sempre em posição de observação e cuidado. Além disso, as fadas e criaturas míticas semelhantes, aparecem espalhadas pela área da capa. Por serem capazes de operar “as mais extraordinárias transformações”, (CHEVALIER E GHEERBRANT, 1969, p. 415) elas são responsáveis pela transmutação de Ofélia e atuam como suas protetoras do mundo real, onde ela está exposta aos perigos da Guerra e violência, representados pela silhueta do soldado segurando a arma. Aqui, também cabe a interpretação de que o homem é o mal, o ser realmente monstruoso da história.

CONCLUSÃO

Rica em desenhos e formas, a capa do livro “O Labirinto do Fauno” apresenta recursos visuais fundamentais para criar uma noção prévia das mensagens transmitidas em suas páginas, bem como os papéis dos personagens. A análise semiótica é uma ferramenta útil para identificá-los e prever as interpretações em seu uso.

REFERÊNCIAS



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Guarapuava/PR – 08 a 10/06/2023

ALVES, Diana. **O Design da capa de livro e a sua interpretação visual**: o livro 1984 de George Orwell como estudo de caso. Porto, 2018. Disponível em: <<https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/28168>>. Acesso em: 27 mar. 2023.

CARNEIRO, Ellen Santos. **Análise semiótica peirciana aplicada em capas de livros infantis**. 2021. Abaetetuba, 2021. Disponível em: <<https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/handle/prefix/3734>>. Acesso em: 27 mar. 2023.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Editora José Olympio. 16ª edição. Rio de Janeiro, 1969.

FAUNO. In: Dicionário de símbolos: significados dos símbolos e simbologias. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/fauno/>>. Acesso em: 28 mar. 2023.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.